

O AUTISMO E SUAS INJUNÇÕES¹

Antônio Guinho²

Sumário

- Onde o manual de funcionamento?
- A querela da etiologia
- Fatores psicogênicos
- As evidências biológicas
- O estágio do espelho
- Psicologia e etologia
- A constituição do eu no autismo
- A ausência do olhar e a travessia do estágio do espelho

Onde o manual de funcionamento?

Quando se fala em injunções no mundo autista aponta-se para uma via de mão dupla: de um lado as pressões e exigências a que está submetido um sujeito (que sequer emergiu ainda enquanto sujeito) que é radicalmente diferente dos demais, não se encaixando em nenhum dos parâmetros relacionais já estabelecidos; do outro lado, as pressões e exigências a que estão submetidos todos aqueles que lidam com esse sujeito, ou proto sujeito atípico e que foram preparados e condicionados a lidar com uma criança típica. Desencontro gerador de sofrimento no autista e de efeitos devastadores no seu entorno, levando, no mais das vezes, à consolidação de um retraimento de ambas as partes, resultando num agravamento do quadro.

Lamentavelmente não há um manual de instruções para fazer face a essa situação.

Esta apresentação pretende trazer ao diálogo três questões, a saber, a possível existência no autismo de:

- Um substrato biológico
- Uma travessia do estágio do espelho,
- Um sujeito do inconsciente.

¹ Texto apresentado na XXIV Jornada Freud Lacaniana, no Recife-PE, em 23.11.2018.

² Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil e membro fundador de Interlocação em Desenvolvimento Infantil.

Não há aqui a pretensão de apresentar todo o novelo, mas apenas apontar, entre tantas, uma possível ponta do fio da meada.

Porque ele não olha para mim?

A querela da etiologia

Em seu artigo “Lacan et l'autisme” Laznik afirma que nos últimos 15 anos um fosso foi cavado entre os psicanalistas que se ocupam com o autismo e os demais. (LAZNIK, 2013)

Já seria de se lamentar se esse fosso fosse “apenas” entre os que se ocupam com o autismo e os demais. O que acontece é que essa vala existe mesmo dentre aqueles que cuidam do autismo.

Nesse texto Laznik afirma ser o autismo, em sua opinião, uma patologia inata. Aqui já se evidencia de pronto a divisão dentre os que lidam com o autismo, pois alguns entre esses questionam tanto se se trata de fato de uma patologia quanto se é uma manifestação inata ou adquirida.

Sendo a Psicanálise, por sua própria natureza, a arte do questionamento, a postura do psicanalista nunca deveria ser a da afirmação categórica, mas a da interrogação. Uma abertura total à dúvida.

Com esse espírito, cabe aqui a pergunta: é o autismo uma manifestação inata, genética ou adquirida? Para Laznik, mais do que se ocupar da etiologia, deveríamos no presente momento nos concentrar nas ferramentas psicanalíticas que possam reverter esse quadro em seus começos. Essa se afigura uma postura bastante lúcida, tendo em vista que em sua clínica, o psicanalista se confronta, diante do sofrimento de uma família com uma pessoa diagnosticada com autismo, com uma situação de urgência. Há que se articular uma ação rápida que possa gerar efeitos no sentido da reversão do quadro ou, pelo menos, de adaptação à situação, que traga algum alívio a esse sofrimento, inúmeras vezes devastador.

Perder-se em intermináveis querelas sobre etiologia é um esforço absolutamente inútil. Entretanto a questão da etiologia interessa ao psicanalista e ele deve estar sempre a

par das pesquisas científicas e das conjecturas que estão sendo levantadas em torno do autismo.

Fatores psicogênicos

Tem sido desde sempre apontados e comentados os variados fatores psicogênicos que podem levar ao desenvolvimento de manifestações autísticas: privação de atenção, de afeto, de estimulação sensorial provocada pelo isolamento causado por situações de guerra, internamento de bebês recém-nascidos em UTIs, mães ausentes em casos de doenças graves ou de morte, mães “ausentes” por conta de distúrbios da afetividade ou de doença mental, situações de orfanatos tais como as vividas por crianças romenas nas décadas de 1970 e 1980 durante o governo do ditador Nicolae Ceausescu, que levaram à chamada “síndrome autística autística” e outras tantas situações.

Mas existem também numerosas evidências no sentido de que fatores biológicos podem levar ao autismo.

Do mesmo modo que Lacan importou para o âmbito da Psicanálise as teorias da linguística de Ferdinand de Saussure e da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss - um tanto ou bastante palatáveis para os psicanalistas - e, ainda mais, a matemática e suas complexidades, de difícil acesso para aqueles que não lidam com as ciências exatas, convém que os psicanalistas de hoje, por pouco que seja, se inteirem dos avanços da ciência genética e da epigenética e dos achados recentes da medicina e da biologia, mesmo com o objetivo de a eles se opor.

Para esse fim, um bom começo poderia ser o acessível texto de Marcelo Fontappie “Epigenética e Memória Celular”³.

As evidências biológicas

³ Marcelo Fontappie, Ph.D., é Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisador do Laboratório de Helminologia e Entomologia Molecular do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ.

Conforme evidencia Eickmann (*) nos dados que fornece a seguir⁴, o autismo trata-se, na verdade, de um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, de etiologia complexa, heterogênea e multifatorial que podem incluir:

- Alterações de neurotransmissores
- Alterações metabólicas
- Alterações imunológicas, interação materno-fetal e neuroinflamação
- Fatores ambientais
- Alterações moleculares e genéticas.

Existe um risco de 20% de os irmãos apresentarem sintomas (especialmente sociais).

Entre os gêmeos dizigóticos encontram-se 31% de razão de concordância.

Entre os gêmeos monozigóticos, 88% de razão de concordância.

Existe uma lista **parcial** com 27 síndromes genéticas associadas com o autismo:

TABLE 1: Partial list of genetic syndromes associated with autism.

Fragile X syndrome (<i>FMR1</i> gene)	Apert syndrome
Rett syndrome (<i>MECP2</i> gene)	Williams syndrome
Angelman and Prader-Willi syndromes (15q11-q13 deletions or rearrangements)	Joubert syndrome Noonan syndrome
Smith-Lemli-Opitz syndrome	Down syndrome
Smith-Magenis syndrome (17p11.2 deletion)	Turner syndrome
Tuberous sclerosis	Neurofibromatosis
PTEN-gene-mutation-associated disorders (Cowden and Bannayan-Riley-Ruvalcaba syndrome with extreme macrocephaly)	Myotonic dystrophy Duchenne muscular dystrophy
Shprintzen/velocardiofacial syndrome (22q11 deletion)	Moebius sequence Cohen syndrome
Sotos syndrome	Oculoauriculovertebral spectrum
CHARGE syndrome	Untreated or poorly treated phenylketonuria (PKU)
Hypomelanosis of Ito	Adenylate succinase deficiency
De Lange syndrome	

Mitochondrial dysfunction

Extracted and modified from G.B. Schaefer and N.J. Mendelsohn, "Genetics evaluation for the etiologic diagnosis of autism spectrum disorders," *Genetics in Medicine*, vol. 10, pp 4-12, 2008.

⁴ Com os agradecimentos à Dra. Sophie Eickmann por ter gentilmente cedido as lâminas da sua apresentação, ricas em informações precisas e preciosas.

O crescimento aumentado tanto da substância branca como cinzenta do cérebro e cerebelo, entre os 6 e 15 meses, às vezes observável a olho nu; a diminuição da poda neuronal; a influência da idade paterna (acima de 45 anos); e tantos outros fatores biológicos e ambientais tais como exposição à viroses, uso, durante a gravidez, de álcool, de drogas ilícitas ou de medicamentos (Valproato, para epilepsia, convulsões, transtorno bipolar e enxaqueca) e tantas outras evidências, não podem deixar os psicanalistas isolados em suas torres de cristal diante desses estudos e pesquisas, sob o risco de caírem no descrédito.

Quando se fala em questões genéticas parece se fechar uma porta às costas dos psicanalistas, vedando-lhes completamente o acesso a esse universo. Aliás, muito esforço tem sido despendido por correntes antagônicas à Psicanálise no sentido de manter essa porta muito bem fechada com acesso franqueado apenas a essas correntes. Uma questão de disputa de mercado, já abordada por quem escreve estas linhas em outro artigo, mas que no presente momento não vem ao caso.

Entretanto, descobertas mais recentes da Epigenética têm demonstrado que o gen não é uma sentença, podendo ser modificado pelo ambiente, o que inclui fatores de relacionamento humano, ou seja, intersubjetivos, o que faz com que essa porta continue aberta aos psicanalistas que, aliás, têm realizado profícuos estudos e trabalhos terapêuticos nesse campo.

“O termo epigenética origina-se do prefixo grego epi, que significa ‘acima ou sobre algo’ e estuda as mudanças herdadas nas funções dos genes, observadas na genética, mas que não alteram as sequências de bases sequências da molécula de DNA. Os padrões epigenéticos são sensíveis a modificações ambientais que podem causar mudanças fenotípicas que serão transmitidas aos descendentes.”

(MÜLLER e PRADO) (*)

Ao contrário do genoma, que é o conjunto de todos os genes de uma espécie de ser vivo e que é idêntico nos diferentes tipos celulares, o epi genoma é dinâmico e varia de uma célula para outra, pois, o epi genoma corresponde à cromatina, as proteínas associadas e aos padrões de modificações covalentes do DNA obtidos pelas modificações e que permitem a organização e manutenção dos programas de expressão dos genes.

O estádio do espelho

Olhe para mim!

A concepção do estádio do espelho foi introduzida por Lacan em 1936. Em sua apresentação de 1949 (Scripts, 1966), “O estádio do espelho como formador da função do *eu* tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, esse *eu* (aqui grafado em itálico) (*je*) não é o mesmo eu freudiano (*moi*) bem como o eu a que se refere Anna Freud em seu “O eu e os mecanismos de defesa” (1936), e se opõe à filosofia cartesiana do “Cogito, ergo sum”, “penso, logo sou”, já que esse *eu* se refere ao sujeito do inconsciente, para cuja lógica, aponta Lacan, “penso onde não sou”, portanto “sou onde não penso”. Trata-se, esse *eu*, do sujeito do inconsciente.

Psicologia e etologia

Lacan parte dos seus estudos de Psicologia Comparada, onde se observa que o bebê já reconhece a sua imagem no espelho numa idade em que é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé. Essa experiência se expande numa série de movimentos na relação do seu corpo com as pessoas do seu meio, o que pode se produzir a partir dos seis meses. Totalmente imaturo, numa idade em que ainda dependente da amamentação, sem ter o controle da marcha e da postura ereta, é capaz de manobras inimagináveis para se rejubilar na contemplação da sua imagem no espelho, desenvolvendo um processo de identificação a essa *imago*. Aí “o *eu* se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (sujeito do inconsciente).

“A imagem especular parece ser o limiar do mundo visível, a nos fiarmos na disposição especular apresentada na alucinação e no sonho pela *imago* do corpo próprio, quer se trate de seus traços individuais, quer de suas faltas de firmeza ou suas projeções objetais, ou ao observarmos o papel do aparelho especular nas aparições do duplo em que se manifestam realidades psíquicas de outro modo heterogêneas.”

Lacan se vale de **experimentos biológicos** para demonstrar a maneira como uma imagem especular (uma Gestalt) é capaz de gerar efeitos formadores sobre o organismo, algo que à primeira vista poderia parecer fantasioso.

- (...) a maturação da gônada na pomba tem como condição necessária a visão de um congênere, não importa qual sexo - e uma condição tão suficiente que seu efeito é obtido pela simples colocação do indivíduo ao alcance do campo de reflexão de um espelho.

- (...) no gafanhoto migratório, a transição da forma solitária para a forma gregária, numa linhagem, é obtida ao se expor o indivíduo, numa certa etapa, à ação exclusivamente visual de uma imagem similar, desde que ela seja animada por movimentos de um estilo suficientemente próximo dos que são próprios à sua espécie.”

- (...) o mimetismo: significação do espaço para o organismo vivo.

Parece haver uma insuficiência orgânica na realidade natural, a ser completada pela experiência.

A função da *imago*, no estágio do espelho, seria, então, estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, ou seja, do *Innenwelt* (mundo interior) com o *Umwelt* (meio ambiente).

No ser humano as coisas parecem se complicar diante da demonstração, nos primeiros meses de vida, de visíveis e continuadas expressões de mal estar e de uma grande falta de coordenação motora, parecendo apontar para o nascimento prematuro de um ser anatomicamente inacabado. Algo a que os embriologistas chamaram de fetalismo ou fetalização, a presença ou persistência de certas condições pré-natais no corpo de um ser vivo após seu nascimento.

O estágio do espelho precipita o bebê da insuficiência para a antecipação. “No engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu.”

Nesse momento decisivo de júbilo na relação com a imagem corporal no espelho, realiza-se o que Lacan chamou de “a função da imagem especular”, em que essa imagem dá

ao bebê a dimensão de unidade, a sua e a dos objetos, e fornece a matriz da sua relação aos pequenos outros, seus semelhantes. Antes disso, há uma pré-condição, advinda da relação entre o bebê e os pais. A de que o bebê se reconheça como tendo um corpo.

“Lacan conferiu considerável importância a esse momento particular de reconhecimento, através do grande Outro, da imagem especular, um momento em que o bebê se volta para aquele que o conduz em um chamado para seu olhar, este Outro endossa a imagem que a criança percebe de si mesma no espelho.” (LAZNIK)

“Esse corpo despedaçado mostra-se regularmente nos sonhos, sob a forma de membros disjuntos e de órgãos representados em exoscopia, que criam asas e se armam para perseguições intestinas (Hieronymus Bosch), bem como no organismo humano pela anatomia fantástica que se manifesta nos sintomas da esquizofrenia (divisão, clivagem, cisão do sujeito em relação à realidade) ou de espasmo da histeria.

“Correlativamente, a formação do *eu* simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o isso de maneira surpreendente. E, do mesmo modo, desta vez no plano mental, vemos realizadas essas estruturas de obra fortificada cuja metáfora surge espontaneamente, como que saída dos próprios sintomas do sujeito, para designar os mecanismos de inversão, isolamento, reduplicação, anulação e deslocamento de neurose obsessiva.” (LACAN)

Lacan dá ênfase especial à passagem do *eu* especular para o *eu* social.

Esse momento em que se conclui o estádio do espelho inaugura, pela identificação com a imagem do semelhante e pelo drama do ciúme primordial, (...) a dialética que desde então liga o *eu* a situações socialmente elaboradas.

A constituição do eu no autismo

Laznik aponta que para Lacan o aparelho psíquico não é mono, mas bicentrado pelo eu e pelo sujeito do inconsciente, dois pólos que não se superpõem. Se o sujeito do inconsciente se mostra profundamente articulado com a ordem simbólica da linguagem, o

eu trata-se de uma instância imaginária assimilada à imagem especular do próprio corpo. Por esse dispositivo, o sujeito primeiro percebe seu próprio eu como fora de si mesmo. O eu é, portanto, um produto da alienação à imagem. Assim sendo, o trabalho clássico da cura analítica deixa de lado o eu alienante em benefício do sujeito do inconsciente. Por tudo isso, o eu goza de má reputação entre os lacanianos, apesar de todos os esforços da filha de Freud no sentido contrário.

Mas, questiona Laznik, “que posição tomar quando nos encontramos diante de uma clínica onde o eu alienado da teoria laciana nem mesmo foi ainda constituído? Quando confrontada com o tratamento clínico do autismo, fui levada a descobrir o quanto era valioso e necessário esse eu, tão alienado à imagem especular.”

Não há ainda aí uma primeira pessoa do singular. Alienada completamente ao outro (nem sempre ou raramente ao Outro) é muito comum a pessoa no espectro autista nomear-se na terceira pessoa do singular: “Davi quer bolachinha!” ou mesmo, tão alienado de si próprio que a afirmativa assume a forma de interrogação: “Davi quer bolachinha?”, ao invés de: “Eu quero bolachinha!”.

Especialmente diante de uma criança não falante, o que mais um psicanalista pode ansiar é pelo estabelecimento de uma aliança entre o ego do analisante e o do analista, como propôs Anna Freud, contrariamente a Lacan que propunha uma comunicação de inconsciente a inconsciente, o que pode vir a ser possível com a evolução do tratamento.

A ausência do olhar e a travessia do estádio do espelho

Laznik afirma que “a ausência do olhar entre o bebê e o adulto é **o sinal** princeps essencial do autismo”, para mais adiante afirmar que se trata de **um dos** sinais fundamentais.

Pelos critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista-TEA do DSM-V⁵ fala-se em autismo quando se observam:

1. Deficiências persistentes na comunicação e interação social e
2. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que, lembra Laznik, só se manifestam no segundo ano de vida.

⁵ DSM: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

Pelo DSM-V os sintomas

- Devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento
 - Podem não estar totalmente manifestos até a demanda social exceder suas capacidades
 - Podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.
- causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.

Embora a ausência de olhar não conduza necessariamente ao autismo, indica, em todos os casos, uma dificuldade importante ao nível da relação especular com o grande Outro, colocando em risco o estabelecimento ou a constituição de forma adequada do estágio do espelho, que ocorre em crianças comuns por volta do sexto mês de vida. Caso não haja uma intervenção precoce, esse estágio do espelho pode não se estabelecer. Mais precoce a intervenção maiores as possibilidades de essa travessia acontecer, a exemplo do que se tem constatado com as experiências do Preaut.

Se para Lacan a análise se dá pela comunicação de inconsciente a inconsciente, para Anna Freud trata-se a análise de uma aliança entre os eus do analisante e do analista. Diante de uma criança não falante não há nada que mais um psicanalista anseie do que uma aliança entre eus: Fale comigo!

Concluindo...

Essas três questões, a saber, a possível existência no autismo de:

- Um substrato biológico
- Uma travessia do estágio do espelho,
- Um sujeito do inconsciente,

permanecem abertas, à espera de diálogo posterior em que elas recebam a atenção que o seu nível de profundidade suscita.

E que nesse debruçar-se nunca se perca de vista que se trata de uma etiologia

complexa, heterogênea e multifatorial.

Referências bibliográficas

EICKMANN, Sophie. “Neurobiologia e atualizações do Transtorno do Espectro Autista”. Trabalho apresentado em reunião de IPB-Intersecção Psicanalítica do Brasil, no Recife-PE, em 17 de agosto de 2018.

FONTAPPIE, Marcelo. Epigenética e Memória Celular. (<http://revistacarbono.com/artigos/03-epigenetica-e-memoria-celular-marcelofantappie/>
https://www.ime.usp.br/posbioinfo/cv2012/epigenetica_FernandaMolognoni.pdf)

FREUD, Anna. O eu e os mecanismos de defesa. (Das Ich und die Abwehrmechanismen. Int. Psychoanal. Verlag, 1936).

GUINHO, Antônio. Pessoa no autismo: Sujeito ou objeto? Texto apresentado em reunião da Intersecção Psicanalítica do Brasil, em 15.09.2017

JAACAD, Volkmar et al, 2014; Monteiro e Feng, Nature, vol 18, 2017

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do *eu* tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949. Escritos (1966). RJ: Jorge Zahar Editor, 1998, p 96-103. Trad. de Vera Ribeiro.

LAZNIK, Marie-Christine. Lacan et l'autisme. La revue lacanienne, 81-90
2013/1 (N° 14)

<https://www.cairn.info/revue-la-revue-lacanienne-2013-1-page-81.htm>

McCRORE, Ian. A lua aparece quando as águas se acalmam. Pariyatti Press, Onalaska, WA, USA, 2015

MÜLLER, Henrique Reichmann e PRADO, Karin Braun. Epigenética: um novo campo da genética. RUBS, Curitiba, v.1, n.3, p.61-69, set./dez. 2008

(http://www.colegiogregormendel.com.br/gm_colegio/pdf/2012/textos/3ano/biologia/8.pdf)